

Determinantes Motivacionais na Escolha de Cursos Universitários sob a Perspectiva da Teoria da Autodeterminação - Caso do Instituto Superior Politécnico de Gaza (2024-2025)

Luís João Machaieie *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0000-5210-9903>

RESUMO

A presente pesquisa analisa os factores determinantes na escolha do curso universitário entre os estudantes que ingressaram no Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG) no período de 2024-2025. O estudo busca identificar os tipos de motivação predominantes, medir o nível de influência de factores externos no processo de decisão, descrever os principais desafios enfrentados e verificar o nível de satisfação com a escolha realizada. A metodologia adoptada foi quantitativa, com a aplicação de questionários a uma amostra de 215 estudantes, utilizando-se o Google Forms como instrumento de recolha de dados. Os resultados indicaram que a motivação intrínseca, representada pelo interesse pessoal pela área de estudo, foi o factor mais citado, embora tenham sido observadas motivações extrínsecas, como expectativas familiares e perspectivas de inserção no mercado de trabalho. Entre os desafios, destacaram-se a escassez de informação clara sobre os cursos e a ausência de apoio em processos de orientação vocacional, dificultando uma escolha mais autodeterminada. Quanto à satisfação, a maioria dos estudantes relatou estar satisfeita ou altamente satisfeita com a escolha feita, sinalizando que, apesar das influências externas e limitações enfrentadas, muitos conseguiram alinhar suas decisões aos próprios valores e interesses. Conclui-se que a motivação intrínseca é o principal factor orientador da escolha do curso. Recomenda-se, para pesquisas futuras, o aprofundamento das experiências dos estudantes insatisfeitos com a escolha do curso; a análise da eficácia de programas de orientação vocacional; investigar a interacção entre motivações intrínsecas e extrínsecas ao longo do percurso académico; e avaliar o papel das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) como ferramentas de apoio à tomada de decisão académica.

PALAVRAS-CHAVE

Escolha do curso universitário; Motivação intrínseca; Orientação vocacional; Satisfação.

* Licenciado em Administração Pública pelo Instituto Superior Politécnico de Gaza, Assistente Universitário (Docente) no Instituto Superior Politécnico de Gaza; Formado em Gestão de Recursos Humanos pela WAKEUP, Formado em Administração pelo Programa Cursa. E-mail: luís.machaieie@ispg.ac.mz

Motivational Determinants in the Choice of University Courses from the Perspective of Self-Determination Theory - The Case of the Instituto Superior Politécnico de Gaza (2024-2025)

ABSTRACT

This study analyzes the determining factors in the choice of university courses among students who enrolled at the Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG) during the 2024-2025 period. The study aims to identify the predominant types of motivation, measure the level of influence of external factors in the decision-making process, describe the main challenges faced, and assess the level of satisfaction with the choice made. The methodology adopted was quantitative, using questionnaires administered to a sample of 215 students, with Google Forms as the data collection tool. The results indicated that intrinsic motivation, represented by personal interest in the field of study, was the most cited factor, although extrinsic motivations such as family expectations and employment prospects were also observed. Among the challenges, the lack of clear information about courses and the absence of support in vocational guidance processes were highlighted, making it difficult for students to make more self-determined choices. Regarding satisfaction, most students reported being satisfied or highly satisfied with their choice, indicating that despite external influences and encountered limitations, many were able to align their decisions with their own values and interests. It is concluded that intrinsic motivation is the main guiding factor in course selection. For future research, it is recommended to deepen the understanding of the experiences of students dissatisfied with their course choice; to analyze the effectiveness of vocational guidance programs; to investigate the interaction between intrinsic and extrinsic motivations throughout the academic journey; and to assess the role of Information and Communication Technologies (ICTs) as support tools for academic decision-making.

KEYWORDS

University course choice; Intrinsic motivation; Vocational guidance; Satisfaction.

Swikombiso Swa ku Khoma Mbilu Loko ku Hlawuriwa Swikolo swa le Yunivhesiti hi ku Landza Dyondzo ya ku Tiendlela Xiboho — Xifaniso xa Instituto Superior Politécnico de Gaza (2024-2025)

NHLAMUSELO

Ndzavisiso lowu wu kambisisa swilo leswi endlaka leswaku vadyondzi va hlawula swikolo swa le yunivhesiti, ngopfu-ngopfu lava ngheneke eka Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG) exikarhi ka 2024 na 2025. Ndzavisiso wu lava ku tiva muxaka wa ku khoma mbilu lowu kulu, ku pima leswaku swilo swa le handle swi khumba njhani xiboho lexi endlawaka, ku hlamusela swiphiko leswi hlanganeriwaka naswona ku kambela loko vadyondzi va tsakela ku hlawula loku va ku endleke. Ku tirhisiwile ndlela ya ndzavisiso wa nkoka (quantitativa), ku tirhisa fomo ya Google Forms ku hlengela switiviwa eka vadyondzi va 215. Vuyelo byi kombise leswaku ku khoma mbilu ka le xikarhi (ku navela ku dyondza swilo hi mbilu hinkwayo) i nchumu wa nkoka swinene, hambileswi ku vonakeke swin'wana swa le handle tanihi leswi a swi

languteriwa hi ndyangu kumbe ku kuma ntirho. Swiphiqo leswi tluleke hi leswi: ku pfumala rungula leri erile hi swikolo naswona ku pfumala mpfuno wa vuhlayiseki bya ntirho. Leswi swi endla leswaku swi tika ku endla xiboho hi ndlela yo tiendlela. Eka xivangelo xo tsakela, vo tala va kombise leswaku va tsakile hi xiboho lexi va xi endleke, leswi kombisaka leswaku hambileswi ku nga ni swin'wana leswi va swi langutaneke na swona, vo tala va kote ku endla swiboho leswi fambisanaka ni leswi va swi rhandzaka ni leswi va swi endlaka hi mbilu. Xiyimo lexi xi kombisa leswaku ku navela ka le xikarhi (ku khoma mbilu ka xiviri) i nchumu wa nkoka eka ku hlawula xikolo. Ku tsarisiwa leswaku emasikwini lama taka ku lavisiseka swinene vutomi bya vadyondzi lava nga tsakelangiki hi swiboho leswi va swi endleke; ku kambisisa mpfuno wa tindlela ta vuhlayiseki bya ntirho; ku kambisisa ndlela leyi ku navela ka le xikarhi na ka le handle ku tirhisanaka ha yona ehenhla ka nkarhi wa dyondzo; ku tlhela ku kambisisa ndlela leyi thekinoloji yi nga tirhisiwaka ha yona ku pfuna ku endla swiboho swa dyondzo.

MARITO YA NKOKA

Ku hlawula xikolo xa le yunivhesiti; Ku khoma mbilu ka xiviri; Vuhlayiseki bya ntirho; Ku tsakela.

Introdução

A escolha do curso universitário representa uma etapa decisiva na vida dos estudantes, com repercussões directas sobre sua trajetória académica, inserção no mercado de trabalho e realização pessoal. Trata-se de um processo complexo, permeado por múltiplas variáveis que vão desde motivações pessoais até condicionantes sociais, culturais e económicos. Em muitos casos, a decisão não é tomada de forma plenamente consciente ou autónoma, sendo influenciada por expectativas familiares, oportunidades percebidas no mercado de trabalho, prestígio social das profissões e limitações no acesso à informação (SANTOS, 2005).

No contexto moçambicano, essa complexidade é acentuada por lacunas estruturais nas instituições de ensino, especialmente no que diz respeito aos serviços de orientação vocacional e à disponibilidade de informações claras e acessíveis sobre os cursos superiores. Conforme Chibemo e Canastra (2015; 2017), a ausência de mecanismos institucionais de apoio à escolha profissional pode comprometer a autonomia dos estudantes, resultando em decisões mal fundamentadas, desmotivação, insatisfação e até mesmo abandono do curso (JÚLIO et al., 2020).

Nesse cenário, compreender os factores motivacionais que orientam a escolha do curso universitário torna-se essencial para o desenvolvimento de estratégias educacionais que promovam decisões mais conscientes, alinhadas

aos interesses e valores individuais. A Teoria da Autodeterminação, desenvolvida por Deci e Ryan, oferece uma estrutura teórica relevante para analisar o grau de autonomia, competência e relacionamento envolvidos no processo motivacional (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012). Ao distinguir entre motivação intrínseca, extrínseca e desmotivação, essa teoria permite investigar como diferentes influências externas e internas impactam a tomada de decisão dos estudantes.

Este artigo busca responder à seguinte pergunta de pesquisa: qual é o principal factor orientador da escolha de curso universitário no Instituto Superior Politécnico de Gaza, no período de 2024-2025? O objectivo geral é analisar os factores determinantes na escolha do curso universitário entre os estudantes ingressantes no ISPG. Especificamente, pretende-se: (i) identificar os tipos de motivação predominantes; (ii) medir o nível de influência de factores extrínsecos no processo de decisão; (iii) descrever os principais desafios enfrentados; e (iv) verificar o nível de satisfação com a escolha realizada.

A pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem quantitativa, com aplicação de questionário a uma amostra de 215 estudantes. A análise baseia-se na Teoria da Autodeterminação e em contribuições de autores que estudam a motivação e o comportamento vocacional. O estudo encontra relevância na medida em que pode subsidiar práticas institucionais mais eficazes de apoio à escolha profissional e contribuir para a redução dos índices de insatisfação académica e evasão.

1. Revisão de Literatura

1.1. A escolha do curso universitário e seus condicionantes

A decisão sobre qual curso universitário seguir representa um momento crucial na trajetória educacional dos estudantes, pois carrega implicações significativas para sua carreira profissional, realização pessoal e perspectiva de ascensão social. Idealmente, essa escolha deve considerar os interesses, habilidades e objectivos individuais, porém, na prática, é comumente influenciada por diversos factores externos, como a pressão familiar, as condições económicas, as exigências do mercado de trabalho e a concorrência entre candidatos (SANTOS, 2005; MARTINS; MACHADO, 2018).

Estudos indicam que, muitas vezes, os estudantes tomam essa decisão no final do ensino médio, em um momento de forte transição e, por vezes, sem o suporte necessário, o que torna a escolha mais susceptível à influência de pressões sociais e institucionais. Factores como a realização pessoal, a aptidão percebida para determinado curso, as oportunidades profissionais associadas à formação pretendida, bem como o prestígio e a qualidade da instituição de ensino, também aparecem como determinantes significativos nesse processo (SOARES; MILAN, 2008). Para além disso, o capital cultural das famílias exerce influência relevante sobre as escolhas educacionais, reflectindo aspectos sociais, económicos e culturais que se manifestam no contexto em que os estudantes estão inseridos (MARTELLI; SANTOS, 2013).

Ao modelar empiricamente a escolha do curso no Brasil, por meio do modelo logit condicional, Martins e Machado (2018) identificaram que essa decisão está condicionada por variáveis como características individuais e familiares, relação candidato-vaga, tempo de duração do curso e incentivos económicos das carreiras — especialmente os níveis de rendimento e taxas de desemprego. Os autores observam, ainda, que a influência desses factores varia conforme o nível socioeconómico do estudante: enquanto a renda e o desemprego impactam com maior força os estudantes do quartil superior da distribuição de rendimento, a concorrência entre candidatos exerce mais peso sobre aqueles pertencentes ao quartil inferior.

Essas evidências reforçam a complexidade envolvida no processo de escolha de um curso superior, o qual não se limita à dimensão individual, mas se constitui em um fenómeno multidimensional, atravessado por determinantes socioeconómicos, institucionais e simbólicos. Por isso, compreender tais condicionantes é fundamental para a formulação de políticas de orientação vocacional mais eficazes e inclusivas, que garantam aos estudantes maior autonomia, clareza e suporte ao longo desse processo decisório.

1.2. A Teoria da Autodeterminação

A Teoria da Autodeterminação (TAD), formulada por Deci e Ryan, constitui um referencial teórico consolidado para a análise da motivação humana, especialmente em contextos educacionais. Essa teoria destaca a importância da motivação intrínseca — entendida como o impulso interno que

leva o indivíduo a realizar uma actividade pelo prazer e interesse próprios — a qual está directamente vinculada à satisfação de três necessidades psicológicas básicas: autonomia, competência e relacionamento interpessoal (LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012).

No que tange à autonomia, ela é compreendida como a capacidade do indivíduo de governar-se por suas próprias normas e tomar decisões sobre sua vida. Kant, citado pelo CEIC (2006), conceitua autonomia como a independência da vontade em relação aos desejos, de modo que as acções humanas sejam orientadas pela razão e não por impulsos momentâneos. Essa concepção é ampliada por Oliveira e Siqueira, bem como por Doron e Parot (apud PIRES, 2011), que definem autonomia como um processo de internalização e negociação pessoal com valores e regras sociais, o que permite ao indivíduo estabelecer suas próprias normas de conduta.

A competência, por sua vez, é entendida como a mobilização e aplicação integrada de conhecimentos, habilidades e atitudes para o desempenho eficaz das funções organizacionais, produzindo resultados alinhados às estratégias institucionais (BRASIL, s.d.). O Guia da ENAP (2005) reforça essa definição, afirmando que a competência é um instrumento estratégico para o desenvolvimento institucional, pois articula saberes, capacidades e posturas para alcançar objectivos organizacionais.

No que concerne ao relacionamento interpessoal, este representa a essência da experiência humana, envolvendo conexões entre duas ou mais pessoas que podem ser breves ou duradouras, superficiais ou profundas, e abrangendo desde laços familiares até interacções casuais (PSICANÁLISE CLÍNICA, 2023).

A motivação intrínseca, fundamental para o engajamento genuíno nas tarefas escolares, estimula a autonomia, o interesse e o desenvolvimento pessoal. Pansera, Valentini, Souza e Berleze (2016) destacam que ambientes educacionais que valorizam os interesses e as escolhas dos estudantes favorecem a aprendizagem significativa e o prazer em aprender, incentivando a busca por novos desafios de forma voluntária.

Além disso, a TAD reconhece a motivação extrínseca, caracterizada pela realização de actividades visando recompensas externas ou aprovação social, e não pelo prazer inerente à tarefa. Pessoas extrinsecamente motivadas, segundo Pansera et al. (2016), tendem a buscar reconhecimento de terceiros,

o que pode levar a um menor envolvimento com a aprendizagem e a sentimentos reduzidos de competência. Complementando essa visão, Guimarães e Bzuneck (2008 apud LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012) destacam a desmotivação como um estado de ausência de intenção ou energia para agir, geralmente associada à sensação de impotência ou falta de sentido na acção.

Modelos teóricos de autores como Gagné e Deci (2005), Porter e Lawler (1968) e Vroom (1964) ampliam essa abordagem, sugerindo que a motivação está relacionada à expectativa de que determinado comportamento levará a um resultado desejado. Essa perspectiva contribui para compreender a escolha do curso universitário como um acto que envolve aspectos racionais, emocionais e relacionais, reflectindo tanto as necessidades internas quanto as influências externas do indivíduo.

1.3 Orientação vocacional e suporte institucional

A orientação vocacional surgiu em resposta às exigências da sociedade industrial, visando atender à necessidade de alocação eficaz da força de trabalho conforme a divisão entre actividades intelectuais e manuais. Nas escolas, essa função foi incorporada à estrutura técnica e burocrática, sendo atribuída aos orientadores a tarefa de direccionar os indivíduos para escolhas profissionais que atendessem tanto a seus interesses pessoais quanto às demandas sociais (*apud* PEIXOTO, 1993).

Segundo definição clássica da Associação Nacional de Orientação Vocacional dos EUA, citada por Crites (1974), a orientação vocacional é “o processo pelo qual se ajuda uma pessoa a escolher uma ocupação, a preparar-se para ela, ingressar e progredir nela” (*apud* PEIXOTO, 1993, p. 35). Mais tarde, Super (1951) reformulou esse conceito, ampliando-o para a construção de uma auto-imagem vocacional e sua realização no mundo do trabalho, com base na satisfação individual e contribuição social (*apud* PEIXOTO, 1993, p. 36).

A tomada de decisão sobre o futuro profissional exige apoio adequado, tanto em termos de informação quanto de aconselhamento. Em Moçambique, Chibemo e Canastra (2015; 2017) apontam a fragilidade dos mecanismos de orientação vocacional nas instituições de ensino, o que dificulta o processo de escolha dos estudantes. Essa carência, segundo Júlio et al. (2020), pode

resultar em escolhas pouco fundamentadas, insatisfação com o curso e até abandono da formação.

Assim, investir em práticas de orientação vocacional baseadas na escuta activa, na disponibilização de informações relevantes e no fortalecimento da autonomia dos estudantes é uma estratégia necessária para que esses possam construir percursos formativos alinhados aos seus interesses e às exigências do contexto social e laboral.

2. Metodologia

A presente pesquisa foi desenvolvida no Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG), instituição situada no Posto Administrativo de Lionde, no Distrito de Chókwè, pertencente à Província de Gaza, em Moçambique. Moçambique é um país localizado na região sudeste do continente africano, integrando a África Austral. Limita-se, a norte, com a Tanzânia; a noroeste, com o Malawi, a Zâmbia e o Zimbabué; a sul, com a África do Sul e a Suazilândia, e é delimitado a leste pelo Oceano Índico. Do ponto de vista administrativo, o território nacional está estruturado em onze províncias e 129 distritos (PAULA; DUARTE, s.d.).

A pesquisa classifica-se como descritiva, pois tem como objectivo principal descrever as variáveis envolvidas na escolha de curso universitário pelos estudantes do Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG). De acordo com Gil (1999), as pesquisas descritivas têm a finalidade de expor as características de determinada população ou fenómeno, estabelecendo relações entre variáveis.

Classifica-se também como pesquisa básica, pois busca compreender os factores que influenciam a escolha do curso no ensino superior, contribuindo para o avanço do conhecimento na área da educação e da orientação vocacional. De acordo com Predanov e Freitas (2013), a pesquisa básica envolve a busca por verdades, gerando novos conhecimentos que ampliam a compreensão teórica de um fenómeno, sem necessariamente ter uma aplicação prática imediata. O estudo adoptou dois procedimentos técnicos principais: pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em materiais já publicados, como livros e artigos científicos, que abordam a motivação na escolha do curso universitário. Segundo Predanov e Freitas (2013), esse tipo

de pesquisa consiste na análise de referenciais teóricos já estabelecidos, permitindo a compreensão do estado da arte sobre o tema estudado.

E o estudo de caso, que baseou-se na compreensão, de maneira aprofundada, das motivações e desafios enfrentados pelos estudantes de uma instituição específica, neste caso, o Instituto Superior Politécnico de Gaza. De acordo com Predanov e Freitas (2013), o estudo de caso é a estratégia mais adequada para responder a questões do tipo “como” e “por que”, especialmente quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e deseja explorar fenómenos contemporâneos dentro de um contexto real.

Adoptou-se uma abordagem quantitativa que foi utilizada para medir, de forma estruturada e estatística, as tendências predominantes entre os estudantes na escolha do curso universitário. Segundo Richardson (1999), a pesquisa quantitativa caracteriza-se pelo uso da quantificação na colecta e no tratamento dos dados, permitindo uma análise objectiva e generalizável dos resultados. Assim, essa abordagem possibilitou identificar padrões entre os participantes e avaliar estatisticamente a influência de variáveis como expectativa de empregabilidade, prestígio social do curso e interesse pessoal na tomada de decisão dos estudantes.

A colecta de dados foi realizada por meio de questionários online de perguntas fechadas, elaborados no Google Forms. Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”.

A amostra foi composta por 215 estudantes, seleccionados por amostragem aleatória simples, representando todos cursos oferecidos pelo ISPG. A amostragem aleatória simples é aquela em que a escolha dos elementos que farão parte da amostra é aleatória e existe uma igual probabilidade, de cada elemento da população ser escolhido por meio de sorteio (OLIVEIRA, 2011).

A análise dos dados foi feita utilizando estatística descritiva, com foco em frequências relativas (percentuais), visando identificar padrões de escolha, motivações, desafios e níveis de satisfação dos estudantes com os cursos escolhidos. Segundo Mattar (2001, p.62), “os métodos descritivos têm o objectivo de proporcionar informações sumarizadas dos dados contidos no total de elementos da (s) amostra (s) estudada (s)”.

Tabela 1: Caracterização da amostra

Curso	f_i^1		f_r^2		Totais	
Nível	N1 ³	N2 ⁴	N1	N2	f_i	F_i
Administração Pública	28	5	13%	2%	33	15%
Contabilidade e Auditoria	21	2	10%	1%	23	11%
Economia Agrária	26	3	12%	1%	29	13%
Gestão de Recursos Humanos	0	8	0%	4%	8	4%
Engenharia Agrícola	25	4	2%	11%	29	13%
Engenharia de Aquacultura	34	0	16%	0%	34	16%
Engenharia Florestal	2	2	1%	1%	4	2%
Engenharia Hidráulica Agrícola e Água Rural	12	10	6%	5%	22	10%
Engenharia de Processamento de Alimentos	0	6	0%	3%	6	3%
Engenharia Zootécnica	18	9	8%	4%	27	13%
Total	164	49	68%	32%	215	100%

Fonte: Elaboração própria

3. Resultados e Discussão

3.1. Motivações Predominantes na Escolha do Curso Universitário

Tabela 2: Motivações predominantes

Qual foi o principal factor que motivou a sua escolha de curso?		
Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Interesse pessoal pela área	100	47%
Expectativas de alto salário no futuro	12	6%
Influência de familiares (exemplo: pais ou parentes)	34	16%
Pressões sociais (exemplo: amigos ou sociedade)	5	2%

¹ Frequência absoluta

² Frequência relativa

³ Nível 1 (1º Ano)

⁴ Nível 2 (2º Ano)

em geral)		
Oportunidades de emprego no mercado de trabalho	40	19%
Escolhi ao acaso	24	11%
Total	215	100%

Fonte: Elaboração própria

A análise dos dados revela que a motivação predominante entre os estudantes do ISPG na escolha do curso universitário foi o interesse pessoal pela área, apontado por 47% dos respondentes (Tabela 2). Esse achado confirma a centralidade da motivação intrínseca, definida por Deci e Ryan (1985) como aquela que leva o indivíduo a engajar-se numa actividade pelo prazer e interesse inerente à própria acção, sem necessidade de recompensas externas.

De acordo com Leal, Miranda e Carmo (2012), a motivação intrínseca está associada a um maior envolvimento académico, persistência nos estudos e maior satisfação pessoal, sendo considerada o tipo mais autêntico e autodeterminado de motivação. Esses autores destacam que quando a escolha do curso é pautada por interesses pessoais, há maior probabilidade de o estudante experienciar sentimentos de competência e autonomia, dimensões fundamentais da autodeterminação.

No entanto, também se observou que 19% dos estudantes indicaram as oportunidades de emprego como factor motivacional decisivo. Essa resposta evidencia a presença de motivação extrínseca, ou seja, aquela orientada por resultados externos à actividade, como segurança financeira ou prestígio profissional (GUIMARÃES; BZUNECK, 2008 apud LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012). Embora válida, esse tipo de motivação tende a estar associado a menor envolvimento académico e a decisões mais pragmáticas, conforme sugerem Pansera et al. (2016), que ressaltam os riscos de desajuste entre os objectivos individuais e as exigências da carreira escolhida com base exclusivamente em factores externos.

A influência familiar, mencionada por 16% dos inquiridos, também se insere na lógica da motivação extrínseca, especialmente quando a decisão não é mediada por um processo de reflexão pessoal. Segundo Soares e Milan (2008), o capital cultural familiar exerce forte influência nas decisões

educacionais, podendo tanto orientar positivamente quanto limitar a autonomia do estudante, caso haja imposições ou expectativas não negociadas.

A menção ao alto salário (6%) e ao escolher ao acaso (11%) sugere ainda que parte dos estudantes encontra-se em um estado de desmotivação ou regulação externa intensa, o que pode estar associado à ausência de orientação vocacional eficaz. Conforme defendem Gagné e Deci (2005), quando não há clareza quanto aos objetivos pessoais ou conhecimento adequado sobre as alternativas de formação, há maior probabilidade de escolhas mal fundamentadas e baixa identificação com o curso escolhido.

3.2. Nível de Influências Externas na Escolha do Curso Universitário

Tabela 3: Nível de Influência Externa

Você considera que as expectativas de sua família ou de pessoas próximas influenciaram diretamente a sua escolha de curso?		
Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sim, de forma significativa	77	36%
Sim, mas de forma moderada	59	27%
Não, não houve influência	71	33%
Não tenho certeza	8	4%
Total	215	100%

Fonte: Elaboração própria

Os dados apresentados revelam que a família exerce uma influência significativa na escolha do curso universitário, como confirmado por 36% dos estudantes. Essa influência é amplamente destacada na literatura. De acordo com Bohoslavsky (1971), a escolha profissional é resultado de um processo histórico que envolve a internalização de expectativas e valores familiares, sendo o meio familiar um dos primeiros espaços de construção de identidade vocacional. Complementarmente, Oliveira (2010) reforça que o ambiente familiar atua como referência de segurança e aprovação, podendo tanto orientar quanto limitar as escolhas dos jovens.

Além disso, a influência de amigos e da sociedade aparece com peso reduzido, o que pode refletir um afastamento do modelo de escolha por conformismo social. Para Teixeira (2014), as relações de amizade e os contextos sociais ampliam o leque de possibilidades percebidas pelos jovens, mas não são, por si só, determinantes, pois sua influência tende a ser mais emocional e menos racional na definição de metas acadêmicas.

Outro fator externo relevante identificado na pesquisa é a expectativa de empregabilidade, indicada por 19% dos estudantes. Sobre isso, Savickas (2005) argumenta que, em contextos de insegurança econômica, os jovens tendem a considerar o retorno financeiro e a estabilidade profissional como fatores decisivos, priorizando cursos que prometem inserção rápida no mercado. Tal fato também é discutido por Peixoto (1993), que enfatiza que a pressão do mercado tem moldado os discursos orientadores nas escolas e famílias, fortalecendo a visão pragmática da escolha.

Por fim, os resultados sugerem um equilíbrio entre fatores externos e autonomia, o que pode ser interpretado à luz da Teoria da Autodeterminação, conforme discutida por Leal, Miranda e Carmo (2012), segundo os quais a escolha vocacional baseada na motivação intrínseca — ou seja, nos interesses pessoais e valores individuais — tende a gerar maior satisfação e comprometimento com a trajetória acadêmica.

3.3. Principais Desafios Enfrentados pelos Estudantes na Escolha do Curso Universitário

Tabela 4: Principais desafios enfrentados na escolha do curso

Quais foram os maiores desafios que você enfrentou ao escolher o seu curso?		
Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Falta de informações sobre os cursos disponíveis	34	15%
Falta de orientação vocacional	18	8%
Pressões familiares para escolher determinado curso	17	7%
Falta de apoio psicológico ou orientação para	23	10%

tomar a decisão		
Insegurança sobre as oportunidades no mercado de trabalho	47	20%
Não enfrentei nenhum desafio	64	28%
Nenhuma das opções	28	12%
Total	231	100%

Fonte: Elaboração própria

Com base nos dados da pesquisa, observou-se que os estudantes do ISPG enfrentam diversos desafios no processo de escolha do curso universitário, com destaque para a insegurança em relação ao mercado de trabalho (20%) e a carência de informações sobre áreas de actuação (15%) – conforme tabela 4. Esses obstáculos comprometem a capacidade de tomar decisões fundamentadas e autónomas, como destaca a Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan (apud LEAL; MIRANDA; CARMO, 2012), que afirma que a motivação intrínseca depende da satisfação de três necessidades básicas: autonomia, competência e relacionamento.

A ausência de orientação vocacional estruturada, indicada por 8% dos respondentes, revela a fragilidade das políticas de apoio educacional. Peixoto (1993) destaca que a orientação vocacional tradicional, quando presente, tende a privilegiar abordagens normativas e pouco sensíveis às realidades socioculturais dos estudantes. Isso compromete a construção da identidade vocacional e a capacidade de escolha consciente.

Segundo Bardagi e Boff (2010), estudantes que enfrentam esse tipo de indefinição ou insegurança vocacional tendem a experimentar sentimentos de ansiedade, frustração e baixa percepção de autoeficácia, o que pode interferir negativamente na sua adaptação ao curso e até na permanência no ensino superior. A falta de acesso a serviços especializados de aconselhamento vocacional, como é comum em muitos contextos educacionais moçambicanos (CHIBEMO; CANASTRA, 2017), aprofunda ainda mais essa vulnerabilidade.

Outro fator notável é a pressão familiar, apontada por 7% dos estudantes. Essa influência pode limitar a liberdade de escolha ao priorizar os valores e expectativas dos pais em detrimento dos interesses pessoais. De acordo com Bock (2001), as escolhas vocacionais são construídas em contextos relacionais, nos quais a família exerce um papel fundamental, podendo reforçar ou inibir a expressão da individualidade.

Além disso, Bohoslavsky (1984) argumenta que a orientação profissional deve considerar as condições sociais, os desejos pessoais e os conflitos internos dos jovens, sob pena de reduzir a escolha a um mero processo adaptativo às exigências externas. Assim, sem espaços de escuta e reflexão crítica, muitos estudantes acabam por optar por cursos que não refletem seus verdadeiros interesses ou aptidões.

3.4. Nível de Satisfação dos Estudantes em Relação à Escolha do Curso

Tabela 5: Nível de satisfação

Como você se sente em relação à sua escolha de curso até o momento?		
Respostas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Muito satisfeito	63	29%
Satisfeito	139	65%
Insatisfeito	11	5%
Muito insatisfeito	2	1%
Total	215	100%

Fonte: Elaboração própria

Os dados revelaram que 94% dos estudantes do ISPG demonstram satisfação com a escolha do curso universitário, sendo que 65% declararam estar satisfeitos e 29% relataram estar muito satisfeitos (tabela 5). Esses resultados evidenciam uma forte correspondência entre os interesses pessoais e a experiência acadêmica vivenciada, o que reforça a importância da motivação intrínseca no processo de decisão vocacional. De acordo com Deci e Ryan (2000), quanto mais autodeterminada é a escolha, maior é o comprometimento e a satisfação do indivíduo com suas atividades.

A Teoria da Autodeterminação, proposta por esses autores, sustenta que a satisfação está ligada à autonomia, à competência e ao sentimento de pertencimento – factores essenciais para o bem-estar psicológico e sucesso académico. Quando essas necessidades são satisfeitas, os estudantes tendem a experimentar níveis elevados de realização pessoal e motivação duradoura (DECI; RYAN, 2000).

Além disso, Neves e Sampaio (2007) argumentam que a satisfação académica é um importante indicador de adaptação universitária e está relacionada à clareza dos objetivos profissionais e à identificação com a área de formação. Isso corrobora os dados obtidos, nos quais a maioria dos estudantes demonstrou uma relação positiva com sua escolha de curso.

Por outro lado, a insatisfação observada em 6% dos estudantes pode estar associada à falta de alinhamento entre as expectativas pessoais e as pressões externas. Santos (2005) salienta que escolhas pautadas unicamente em expectativas familiares ou em imposições sociais tendem a resultar em arrependimento ou frustração ao longo da formação, especialmente quando não há uma identificação pessoal com o curso escolhido.

Conforme Marques e Almeida (2015), estudantes que ingressam em cursos sem clareza vocacional ou por influência de terceiros apresentam maiores índices de evasão e menor envolvimento nas actividades académicas. Esses dados alertam para a importância de mecanismos de apoio vocacional no ensino médio e no ensino superior, que ajudem os estudantes a realizar escolhas mais conscientes e alinhadas aos seus interesses e aptidões.

Portanto, a elevada satisfação dos estudantes do ISPG pode ser interpretada como um reflexo positivo do processo de escolha do curso, sobretudo quando este é pautado pela autonomia e pelo autoconhecimento, aspectos fundamentais para o êxito pessoal e profissional.

Considerações

A presente pesquisa teve como propósito central analisar os factores determinantes na escolha do curso universitário entre os estudantes ingressantes no Instituto Superior Politécnico de Gaza (ISPG), sob a perspectiva da Teoria da Autodeterminação. Os dados obtidos permitiram uma compreensão ampla sobre as motivações subjacentes a esse processo decisório, revelando a complexa interacção entre factores internos e externos e o grau de satisfação dos estudantes com as suas escolhas.

Os resultados evidenciam que o interesse pessoal e a afinidade com a área de estudo configuram-se como os principais elementos impulsionadores da escolha, reflectindo o predomínio da motivação intrínseca. Tal orientação interna demonstra o envolvimento activo dos estudantes com sua trajectória

académica, reforçando o papel da autodeterminação na construção de percursos significativos no ensino superior.

Apesar da expressiva presença da motivação autónoma, observou-se que influências externas, sobretudo familiares, ainda exercem um papel relevante, embora não necessariamente decisivo. Isso indica que o contexto social permanece como uma dimensão de peso no processo de escolha, ainda que a autonomia individual se sobressaia na maioria dos casos analisados.

A pesquisa também identificou desafios significativos enfrentados pelos estudantes durante o processo de decisão, com destaque para a insegurança em relação ao futuro profissional, a carência de informação adequada sobre os cursos disponíveis e a ausência de suporte em termos de orientação vocacional. Tais obstáculos limitam a capacidade de decisão consciente e informada, apontando para a necessidade de políticas institucionais que garantam apoio psicológico e educacional aos estudantes.

No que se refere à satisfação com a escolha realizada, a maioria dos participantes relatou estar satisfeita ou muito satisfeita, o que reforça a hipótese de que decisões orientadas por motivações pessoais tendem a gerar maior alinhamento entre expectativas e experiências no ensino superior.

A questão central da investigação — “Quais são os factores que influenciam a escolha do curso universitário entre os estudantes ingressantes no ISPG?” — foi plenamente respondida. Pode-se concluir que a motivação intrínseca, os interesses pessoais, o contexto sociofamiliar e as expectativas em relação ao mercado de trabalho constituem os pilares dessa escolha. A autonomia mostrou-se como um componente decisivo para a satisfação estudantil, embora ainda persistam limitações que precisam ser enfrentadas, sobretudo no tocante à escassez de apoio vocacional institucionalizado.

Os dados sugerem que os estudantes, mesmo diante de pressões externas e limitações informacionais, têm buscado exercer sua liberdade de escolha de maneira consciente e coerente com seus objectivos pessoais e profissionais. Essa postura é promissora para a formação de profissionais mais engajados e realizados em suas respectivas áreas.

Como limitações do estudo, destaca-se a ausência de aprofundamento sobre as experiências dos estudantes insatisfeitos com a escolha realizada, bem como a falta de dados sobre o impacto específico das pressões sociais não internalizadas. Também se observou uma lacuna quanto à análise da oferta e

da efectividade de serviços de orientação vocacional nas instituições moçambicanas de ensino superior.

Recomenda-se, para pesquisas futuras, o desenvolvimento de estudos qualitativos que explorem com maior profundidade as trajetórias dos estudantes insatisfeitos, bem como investigações sobre práticas institucionais de apoio à escolha vocacional. Além disso, é pertinente analisar como as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) podem contribuir para democratizar o acesso a informações sobre cursos e carreiras, especialmente através de plataformas digitais mantidas pelas instituições de ensino.

Referências

- BRASIL. Escola Nacional de Administração Pública. **Gestão por competências em organizações de governo**. Brasília: ENAP, 2005. Disponível em: <https://bibliotecadigital.economia.gov.br/handle/777/594>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- BRASIL. Escola Nacional de Administração Pública. **Módulo 2: conceitos, definições e tipologias de competências**. Brasília: ENAP, s.d. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/handle/1/6493>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 200
- CHIBEMO, Júlio Taimira; CANASTRA, Fernando. A orientação vocacional e profissional no ensino superior em Moçambique: um estudo de caso (Sofala). **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, La Coruña**, v. extr., n. 0, p. 371, 2015.
- CHIBEMO, Júlio Taimira; CANASTRA, Fernando. Orientação vocacional e profissional em Moçambique: percepções dos actores educativos. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación, La Coruña**, v. extr., n. 03, p. 1-12, 2017.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- JÚLIO, Joaquim; GONÇALVES, Carla; ARAÚJO, Luísa; SÁ, Ana. A escolha do curso universitário e os fatores influenciadores no contexto português. **Educação e Sociedade, Campinas**, v. 35, n. 1, p. 75-89, jan./mar. 2020.
- LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CARMO, Carlos Roberto Souza. Teoria da autodeterminação: uma análise da motivação dos estudantes

do curso de Ciências Contábeis. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 1-21, jan./abr. 2012.

MARTELLI, Pryscilla Ayhumi Aymori; SANTOS, Adriana Regina de Jesus. Fatores que influenciam o processo de escolha do currículo na educação superior. In: **JORNADA DE DIDÁTICA, 2.; SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CEMAD**, 1., 2013, [local não informado]. Docência na educação superior: caminhos para uma práxis transformadora. [S.l.: s.n.], 2013. ISBN 978-85-7846-211-6.

MARTINS, Felipe dos Santos; MACHADO, Danielle Carusi (2018). Uma análise da escolha do curso superior no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Belo Horizonte, v. 35, n. 1, e0056, 2018.

MATTAR, F. N. (2001). **Pesquisa de marketing**. 3. ed. São Paulo: Atlas.

OLIVEIRA, M. F. (2011). **Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração**. Catalão: UFG.

PANSERA, Simone Maria; VALENTINI, Nadia Cristina; SOUZA, Mariele Santayana de; BERLEZE, Adriana (2016). **Motivação intrínseca e extrínseca: diferenças no sexo e na idade. Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 313-320, maio/ago.

PAULA, R. R. de; DUARTE, F. B. (s.d.). Diversidade linguística em Moçambique. In: Kadila: culturas e ambientes. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann (1993). **Orientação vocacional: a abordagem tradicional e a possibilidade da superação. Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 18, n. 9, p. 35-42, dez. 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.100>. Acesso em: 26 jul. 2025.

PIRES, Susana Arminda de Castro (2011). **A promoção da autonomia em jovens institucionalizadas**. 2011. Relatório de Estágio (Mestrado em Educação Social) – Escola Superior de Educação de Bragança, Bragança.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. (2013). **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Brasil: ASPEUR.

PSICANÁLISE CLÍNICA. **Relações interpessoais: o que são e qual a importância?** 2023. Disponível em:

<https://www.psicanaliseclinica.com/relacoes-interpessoais/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

RICHARDSON, R. J. (2005). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos. **O papel da família e dos pares na escolha profissional. Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr.

SOARES, Francisco Luiz Batista; MILAN, Gabriel Sperandio (2008). Fatores de decisão que influenciam a escolha no ensino superior. **In: SEMEAD - SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO**, 11., 2008, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/346572765>

Recebido em: 21/04/2026

Aceito em: 13/08/2026



Para citar este texto (ABNT): MACHAIEIE, Luís João. Determinantes Motivacionais na Escolha de Cursos Universitários sob a Perspectiva da Teoria da Autodeterminação - Caso do Instituto Superior Politécnico de Gaza (2024-2025). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.6, nº 4, p.281-300, jun./dez.2026.

Para citar este texto (APA): Machaieie, Luís João (jun./dez.2026). Determinantes Motivacionais na Escolha de Cursos Universitários sob a Perspectiva da Teoria da Autodeterminação - Caso do Instituto Superior Politécnico de Gaza (2024-2025). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 6 (4): 281-300.